

16 JAN 1993

Educação de qualidade para todos

ESTADO DE SÃO PAULO

MURÍLIO HINGEL

É opinião consensual que a base do desenvolvimento econômico-social é o desenvolvimento humano. E o desenvolvimento humano tem como alicerce a educação. O processo educativo,



que é contínuo e permanente, supõe a presença de três agências que deveriam ser indissociáveis: a família, a comunidade e a escola.

Na sociedade brasileira, com os problemas de miséria e pobreza, agravados por injustiças seculares e a atual conjuntura recessiva, além dos desníveis regionais e das relações campo-cidade e centro-periferia, e a perda progressiva de conceitos de valor e de identidade cultural, a escola tem sido chamada a preencher espaços com a conseqüente ampliação de sua capacida-

de educativa.

Ao assumir responsabilidade de natureza compensatória, enfrentando um quadro de deficiências em termos de espaços, equipamentos e recursos humanos demotivados em muitos casos e insuficientemente preparados em outros, a escola, de uma forma geral, não tem conseguido responder adequadamente às expectativas da sociedade, embora essa mesma sociedade reconheça, unanimemente, a educação como o grande anseio nacional.

Os indicadores estão aí para comprovar a "improdutividade" do sistema escolar à vista dos índices de repetência e de "evasão" (por que não falar de "expulsão?"), além do problema da competência dos que concluem o primeiro grau, ensino médio e o superior.

Avulta, assim, o problema da qualidade da educação escolar, embora seja pedagogicamente muito difícil conceituar o que seja um "ensino de boa qualidade", especialmente se quisermos traduzir o conceito em termos de "padrão

mínimo de desempenho", considerando-se as diferenças culturais e ambientais que caracterizam a sociedade brasileira.

Além do mais, é indispensável assegurar a todas as crianças o acesso à escola com vistas à eliminação do analfabetismo pela raiz e à formação plena do cidadão capaz de se tornar, ele mesmo, agente da mudança social.

A questão que se coloca como grande desafio para a atual geração brasileira é, portanto, de ordem quantitativa (escola para todos, pelo menos nas oito séries do ensino fundamental) e qualitativa (educação de qualidade para todos).

E existe uma íntima relação entre quantidade e qualidade (entendida como adequação metodológica e de conteúdos à realidade da população escolar), uma vez que a melhor regularidade do fluxo escolar certamente permitiria um melhor aproveitamento da capacidade física instalada.

No que concerne à quantidade, impõe-se a adoção de medidas alternativas que assegurem matrícula a

todas as crianças em idade escolar, compreendendo ampliação da rede física, aproveitamento de espaços disponíveis, racionalização dos serviços escolares e, no limite, até mesmo a compra de vagas porventura ociosas na rede particular.

No que se refere à qualidade, algumas medidas prioritárias aparecem como as mais recomendáveis: assistir às populações mais necessitadas com programas de atenção integral às crianças; ampliar o atendimento em nível de pré-escola; formar, treinar e capacitar professores; adequar métodos e conteúdos curriculares à realidade sócio-cultural dos alunos e vitalizar a escola pública.

O desafio da educação de qualidade para todos é imenso. E, na verdade, o grande desafio neste final de século há que ser enfrentado com disposição e empenho, integrando toda as forças nacionais, pois a resposta tem de ser rápida e os resultados têm de ficar à responsabilidade de todos.

■ Murílio Hingel é ministro da Educação